

O DRAGÃO E A FEITICEIRA: A VELHICE FEMININA COMO VOZ DO PATRIARCADO EM *RIACHO DOCE*, DE JOSÉ LINS DO REGO

José Vilian MANGUEIRA (UERN)¹

RESUMO:

O presente artigo busca analisar o romance *Riacho Doce*, de José Lins do Rego, dando destaque à figura feminina com empoderamento, representada por duas velhas senhoras advindas de núcleos familiares distintos: as viúvas Elba e Aninha. Entendemos que estas duas senhoras representam forças que se opõem ao ideal da protagonista do romance, Edna/Eduarda, reforçando na narrativa um contexto social patriarcal que via a mulher como um ser preso a um destino previamente organizado. Assim sendo, percebemos que Elba e Aninha exteriorizam a voz do patriarcado e funcionam como antagonistas para a personagem principal.

PALAVRAS-CHAVE: Velhice; Riacho Doce; José Lins do Rego; Patriarcado.

ABSTRACT:

This article try to analyses the novel *Riacho Doce*, by José Lins do Rego, calling attention to feminine figure with empowerment, represented by two old ladies from different families: the widows Elba and Aninha. We understand that these two ladies represent powers which are contrary to the protagonist's ideal, Edna/Eduarda, reinforcing at the narrative the patriarchal social context that sees a woman as someone attached to a destiny previously organized. Therefore, we realize that Elba and Aninha exteriorize the patriarchal voice, and work as antagonists for the main character.

KEYWORDS: Oldness, Riacho Doce, José Lins do Rego, Patriarchate.

Embora as mulheres não possuam um discurso em primeiro plano dentro da obra de José Lins do Rego, como frisou Eloísa Toller Gomes (1991), não se pode negar que há uma forte presença delas nos romances desse escritor. Em alguns dessas narrativas, elas são maioria e assumem, mesmo que de forma velada, papéis que, nos contextos retratados pelo escritor, são desempenhados por figuras masculinas. Dessa forma, José Lins do Rego cria, em diferentes romances, a figura da mulher que assume o papel do homem frente à família.

Uma vez que suas obras estão inseridas em um sistema patriarcal, a mulher só ganha empoderamento² quando o homem, a elas superior, sai de cena. É assim que

¹ Professor na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Contato: vilian_mangueira@yahoo.com

² Entendemos o termo empoderamento conforme a definição de Rodrigo Rossi Horochovski. Segundo o autor, o termo é uma tradução da palavra inglesa *empowerment* e seria quase sinônimo de autonomia. Desse modo, “[e]m síntese, ocorre empoderamento quando atores sociais reúnem recursos que lhes permitem, efetivamente, tomar parte das decisões que lhes afetam, por meio de sua voz e de suas ações. Em outros termos, pessoas e grupos empoderam-se quando conquistam autonomia para, nos limites das co-

surtem figuras como Dona Mocinha de *Água-Mãe*, uma mulher que enviuvava cedo e teve de dar sequência ao trabalho do marido, sendo identificada pelos seus subordinados como “um homem de coragem” (REGO, 1993, p. 7); a mãe dos cangaceiros, Sinhá Josefina, personagem de *Pedra Bonita e Cangaceiros*, a quem é dedicada a primeira parte do romance *Cangaceiros*, para criar um sentido místico entre a personagem e seu filho mais velho, o cangaceiro Aparício. Posta em contraste com a figura do marido que viveu distante e alheio a tudo o que se passava com sua família – Sinhá Josefina se engrandece como a matriarca capaz de tomar decisões e de gerenciar o destino dos filhos. Há também as matriarcas de *Riacho Doce*: Elba, a avó da protagonista, que mandava na família inteira; e Aninha, a avó de Nô, que exercia um poder absoluto sobre todos de sua família e até sobre os moradores da vila de pescadores.

Diante do exposto, nosso texto busca analisar, no romance *Riacho Doce*, a figura da mulher que se aproxima do estereótipo masculino, assumindo dentro da família o papel de líder, e de que forma estas mulheres interagem com a protagonista do romance. Esta figura feminina com empoderamento é representada, como já apontamos, por duas senhoras, advindas de dois núcleos familiares de espaços geográficos distintos. Há uma repetição da estrutura familiar da casa da personagem principal, na Suécia, na casa de Nô, no Brasil. Tanto um núcleo quanto o outro possui como representação do clã familiar a figura de uma mulher viúva e idosa, Elba e Aninha. É essa mulher que exerce o poder sobre todos da casa: no filho, na nora, nos netos; e até nos outros membros de sua comunidade.

Riacho Doce, de 1939, como ocorre com outras obras do escritor, está dividido em partes: “Ester”, “Riacho Doce” e “Nô”. Esta obra tem como foco principal a personagem Edna, ou Eduarda³, uma sueca que vem com o marido tentar uma nova vida no Brasil. A primeira parte do livro, considerada pela crítica como a menos elaborada de todo o romance (cf. LOUSADA, 1991), destaca a infância, a adolescência e o início do casamento de Edna/Eduarda na Suécia. Aqui é explorada, principalmente, a relação de transferência que a protagonista sofre por sua professora Ester, por quem Edna/Eduarda se apaixona a ponto de cometer suicídio quando sente que está perdendo a professora. Esta parte do livro serve para “fixar a sua heroína no meio que lhe era habitual, seus conflitos de alma e corpo, seus desejos comprimidos pelo ambiente hostil” (LOUSADA, 1991, p. 362). Nas outras duas partes, vamos encontrar a “galega” – como era chamada pelos pescadores – envolta na paisagem nordestina, desfrutando do sol e do mar que banham a pequena vila de pescadores de Riacho Doce, situada no estado de Alagoas. Neste pequeno lugar, a personagem acaba se descobrindo como uma mulher possuidora de desejos sexuais e se entrega a uma paixão por um mestiço local, Nô. Para ficar com o seu amor e para continuar sentindo o que nunca experimentara antes – “A vida de Edna começou a ser outra. Sem saber explicar direito, havia uma coisa dentro dela, uma espécie de preocupação constante, um desejo oculto que a dominava” (REGO, 2003, p. 218) –, Edna/Eduarda esquece sua situação de mulher casada, sua raça e classe social, e se entrega aos braços de Nô. Nessa entrega, ela acaba lançando-se, depois de ser rejeitada pelo pescador e perceber que arruinara a vida do marido, ao mar que tantas vezes serviu de refúgio amoroso para os dois amantes.

Como já frisamos, a narrativa de *Riacho Doce* se passa em dois lugares: Suécia e Brasil. Nesses dois espaços, o romance destaca o modo como a protagonista procura se

erções normais em qualquer agrupamento humano, decidir sobre seu destino” (HOROCHOVSKI, 2006, p. 22).

³ Como a personagem possui dois nomes, Edna e Eduarda, a partir desse momento, ao nos referirmos a ela, utilizaremos a duplicidade onomástica Edna/Eduarda.

distanciar de modelos do feminino, dando vazão ao que ela acredita que lhe trará prazer. Assim, fugindo do que o feminino passivo e submisso representa, Edna/Eduarda se distancia da figura da mãe: “Teria que ser como sua mãe? A mestra [Ester] não permitiria uma coisa destas” (REGO, 2003, p. 57); e da figura da mulher criada para o casamento – representada pela irmã Sigrid e pela amiga Norma: “Norma se casara, tinha filhos, era escrava do seu marido. Sigrid, magra e lânguida, passava o dia no trabalho, dando conta do que não podia. Os homens queriam braços e ventres” (REGO, 2003, p. 95). Mas, em cada espaço geográfico que ela vive, terá que conviver com uma figura feminina que encarna, graças à idade e à viuvez, os postulados do patriarcado, impossibilitando à protagonista uma realização pessoal que fuja do que é historicamente esperado da mulher. É justamente nessa figura que concentramos nossa análise.

Antes de passarmos à análise do romance, é necessário discutirmos o que se entende pelo termo velhice. Tratando sobre o modo como as palavras velhice e envelhecimento são, geralmente, associadas, Jack Messy distingue as duas ao afirmar que “Envelhecimento é o tempo da idade que avança, a velhice é o da idade avançada, entenda-se, em direção à morte (...) a velhice não é um processo como o envelhecimento, é um estado que caracteriza a posição do indivíduo idoso” (1999, p. 23). Assim sendo, o termo velhice é entendido aqui como o estado ou condição de um indivíduo idoso.

Levando em conta a aplicação dessa definição na análise de obras literárias, Susana Moreira de Lima, ao discutir sobre o modo como a velhice é apresentada na literatura brasileira, aponta dois enfoques principais sobre este tema: velhice como sinônimo de inutilidade e de sabedoria. Segundo a pesquisadora:

No primeiro caso, a velhice é personificada em seus aspectos corporais. A inutilidade reporta-se à incapacidade da realização de tarefas ou da articulação das palavras, dificuldades nos movimentos, enfim, a todas as limitações causadas pela debilidade física dos indivíduos em idade avançada que, associada às perdas, leva-os ao declínio da força de trabalho, desencadeando um processo de deterioração moral, fazendo com que estes se sintam e/ou sejam vistos como “peso morto”.

No segundo caso, a experiência é ressaltada, valorizada, ao menos reconhecida pelo narrador. A sabedoria é uma qualidade atribuída ao velho, proveniente da sua experiência de vida, associada à memória, que atua como elemento desencadeador do processo de reflexão desenvolvido ao longo da história (LIMA, 2008, p. 17).

Tomando como base o que aponta o estudo de Susana Moreira de Lima, pode-se afirmar que a obra *Riacho Doce* dá destaque ao tema da experiência como característica das duas idosas da obra. Assim, a história de vida dessas duas personagens, ou seja, sua experiência, é responsável por fazer com que elas ganhem papel de empoderadas dentro do contexto social em que habitam.

Na família de Edna, mandava a velha avó Elba. Senhora absoluta de todos, a velha inspirava medo nos netos e na nora, além de intimidar o próprio filho: “[a] velha avó, era ela que mandava na família inteira. Era ela que fazia seu pai tímido como um menino e inspirava medo à sua mãe [...] manobrava sua tribo como dona de tudo, como senhora absoluta” (REGO, 2003, p. 38). Diante de sua figura gorda e alta, todos diminuíam o tom de voz e não procuravam contrariá-la. O medo que impunha em todos fazia com que a protagonista associasse a imagem da avó à dos dragões das histórias infantis. Dessa associação, temos a ideia de que Elba encarna a figura de monstro que povoa o imaginário dos contos de fadas, trazendo uma infinidade de perigo para os que cruzarem seu caminho, principalmente para a heroína da história.

No núcleo familiar de *Nô*, a velha Aninha é quem governa. Envelhecida, magra e fisicamente debilitada, Aninha possui o poder de controlar não só os membros de sua família, mas uma comunidade inteira: “[a velha Aninha] Sempre tivera força de fora, de cima, para as manobras com os outros [...] Velha sábia, de poderes estranhos, de coração duro. Era forte na dor, na desgraça, na alegria” (REGO, 2003, p. 137). O modo como o narrador descreve a personagem apresenta Aninha como uma bruxa ou feiticeira, dando a ela, assim como ocorre com Elba, um aspecto de ser malévolo dos contos de fadas, sempre associado a perigo e dificuldade para os outros com quem convive.

Estas duas matriarcas são aproximadas aqui para mostrar o modo como o sistema patriarcal delega poderes ao feminino que cumpriu o papel de mulher: casou, viveu sob o jugo de um homem, teve filhos, enviuvou e, agora, gerencia o mundo que organizou para si. A própria protagonista, em dois momentos distintos, aproxima as duas matriarcas, confirmando a ideia de que estas duas mulheres constituem a face de uma mesma moeda. Em uma carta para a irmã, Edna/Eduarda afirma que “[h]á por aqui uma velha que é como a nossa avó Elba” (REGO, 2003, p. 175). Em outro momento, quando Edna/Eduarda se encontra sozinha com Aninha, o narrador mostra como a protagonista analisa a velha senhora: “Edna olhou a velha [Aninha], e viu a avó Elba naquela mulher escura e magra. Era a velha Elba, devia ser a mesma para os outros e falar de Deus com a mesma voz seca” (REGO, 2003, p. 233).

Como aceitar, dentro de um sistema patriarcal, que uma mulher comande diretamente a família? Nos dois casos, a viuvez é o fator de maior peso no apoderamento de Elba e Aninha, embora outros possam ser também elencados. Dentro do primeiro núcleo familiar, é a experiência, aliada aos anos de vida, que faz com que Elba seja elevada ao patamar de superioridade diante de todos de sua casa, mesmo tendo um filho homem convivendo com ela: “Todos sabiam que a velha Elba conhecia de coisas, mais do que todo mundo” (REGO, 2003, p. 38). Ao focar o irmão robusto de Edna/Eduarda, Guilherme, em contraste com a frágil Sigrid, o narrador procura exaltar o lado físico e audacioso do jovem, igualando-o ao pai e à avó Elba naquilo que os singulariza: “Guilherme, porém, era o contrário da irmã mais moça. Forte, sadio, tinha a robustez do pai e qualquer coisa do espírito da velha Elba. Autoritário, a vontade dele devia sempre prevalecer para os amigos, para as irmãs” (REGO, 2003, p. 46). Ao igualar o pai e a avó no forjamento do jovem Guilherme, é exaltado aqui o caráter de superioridade da figura da matriarca da família de Edna/Eduarda, uma vez que a qualidade indefinida da avó – “qualquer coisa do espírito da velha Elba” – dá um destaque positivo, assim como a força do pai, a Guilherme.

A força da matriarca Elba ainda é reforçada quando o narrador, usando os pensamentos de Edna/Eduarda, identifica na voz da avó um canto semelhante ao dos homens, contrastando com a voz suave e doce da mãe da protagonista: “O canto de sua mãe era terno, manso, um louvor ao mestre, como uma florzinha [...] A velha Elba cantava grosso, como um homem [...]” (REGO, 2003, p. 54). Neste caso em particular, ao contrastar a voz de Matilde e Elba, a protagonista realça o caráter masculino e impetuoso que a avó possuía e reforça a passividade e fraqueza da mãe. Ainda enfocando a postura da velha Elba na igreja, Edna/Eduarda destaca o fato de a oração da avó, durante o culto, ter a força de uma advertência a Deus, em vez de uma súplica ou pedido, em outro jogo de contraste com a oração da mãe, que é “quase um gemido” (REGO, 2003, p. 54). Na visão da neta, a avó tentaria igualar-se a Deus: “[...] era como se [Elba] dissesse: ‘Olha, Deus do céu, tu mandas no mundo, moves os astros, movimentas a lua e as estrelas, mas eu mando nos meus, no meu filho, na minha nora, nos meus netos. Sou também uma rainha, uma soberana’” (REGO, 2003, p. 54). Nem mesmo a voz do pai, que também cantava grosso, se assemelharia à arrogância da velha Elba. Desse mo-

do, percebe-se que a velha Elba é constantemente destacada como personagem de caráter forte, cuja volição é posta em realce em relação ao desejo dos outros.

Enfocando o empoderamento de Aninha, podemos afirmar que é a sua ligação com o sagrado, com o mundo das divindades, que a põe em situação de destaque perante os familiares e a própria comunidade onde vive. A ligação com o divino e os seus mais de oitenta anos conferem à matriarca um lugar diferenciado no sistema social em que vive, fazendo com que todos, inclusive os que se encontram fora daquele núcleo familiar, tenham respeito, admiração e temor à velha. Se a avó Elba é vista como representação de força física, Aninha é identificada como força religiosa, responsável por curar ou matar aqueles que cruzarem o seu destino.

O modo como o narrador destaca a força da velha Aninha dentro do espaço em que vive, seja a sua casa ou a colônia de pescadores, assemelha-se com a maneira como o escritor José Lins do Rego caracterizou a figura do Senhor de engenho nos romances do “Ciclo da cana-de-açúcar”. Ela tem uma postura rígida, tenta manter uma ordem instituída, não deixa que os que a cercam tomem decisões que diferem das suas e, ainda, assume o direito de gerenciar o destino dos outros. Se os senhores de engenho usam o poder do dinheiro para fazerem valer a sua vontade, a velha senhora da colônia de pescadores usa o poder dos Santos e suas rezas para dominar todos a sua volta. Nessa comparação de poderes, entendemos que é através de Aninha que a ordem instituída pelo patriarcado se materializa no romance, quando o narrador mostra qual seria o pensamento da velha quanto ao lugar reservado à mulher dentro daquele sistema social:

Para a velha, Edna constituía um perigo. Às vezes, quando a via descendo para a praia, e a olhava quase nua, quando a via espalhada na areia como um peixe fora d’água, ela devia, no íntimo, censurar aquela liberdade: mulher não deveria tomar banho de mar. Mulher era para parir, trabalhar, criar filhos, morrer (REGO, 2003, p. 172).

Na caracterização do poder e do destaque conferidos a essas duas personagens viúvas, o modo como elas são nomeadas tem funcionalidade interpretativa. Por exemplo, a escolha do nome da avó de Edna/Eduarda, Elba, reforça ainda mais o seu caráter de superioridade. Segundo os estudiosos Milton Marques e Elizabeth Marinheiro, há duas possibilidades para se explicar o nome de Elba: “tanto pode vir do alemão *halbe* significando *metade*, como do céltico *elf*, significando *alta e montanhosa*” (MARQUES JR. e MARINHEIRO, 1990, p. 141) (grifos dos autores). Em ambos os casos, o nome da personagem se coaduna com o seu papel na narrativa, “tendo em vista a sua posição acima de todos da família, inacessível e inabordável” (MARQUES JR. e MARINHEIRO, 1990, p. 141), como aponta a origem céltica. Quanto à segunda origem, a alemã, Elba constitui a primeira metade “da opressão de que Edna será vítima. A outra metade é a velha Aninha” (MARQUES JR. e MARINHEIRO, 1990, p. 141). Nos dois casos de interpretação do nome dessa personagem, temos a ideia de que ela é uma das responsáveis por trazer empecilhos para a realização pessoal da protagonista. Isso ocorre principalmente quando a velha Elba procura distanciar Edna/Eduarda da professora Ester ou quando se opõe ao casamento da neta com um rapaz de outra religião.

Quanto ao nome de Aninha, percebe-se que há nele uma construção irônica. Forma diminutiva de Ana (“Pela primeira vez em sua vida não confiava em si, não se sentia a mesma Ana a quem Deus e os santos confiaram segredos” (REGO, 2003, p. 244)), o sentido de carinho que o radical empresta ao nome e os significados deste nome apenas confirmam o caráter de ironia verbal que há nele. Ainda segundo Milton Marques e Elizabeth Marinheiro (1990), o nome Ana significa Graça e Ovelha, o que traria uma conotação de passividade e benfazejo. Mas, levando-se em conta as ações da

personagem para afastar Edna/Eduarda de Nô, entende-se que Aninha não é nem uma mulher passiva nem expressa o desejo de ser usada em imolação. Pelo contrário, ela é uma força que se insurge como oponente ao que Edna/Eduarda simboliza naquela sociedade. Nas palavras dos estudiosos:

Símbolo do jugo e da castração, uma edição melhorada da velha Sinhazinha, mais do que a graça, ela é a desgraça; mais do que ovelha, ela é o imolador de todos quantos ousem desafiar os seus poderes e as suas rezas (MARQUES JR. e MARINHEIRO, 1990, p. 146).

Essa senhora com poderes de feiticeira, descrita com um aspecto físico de fragilidade, encarna, em diferentes momentos da narrativa, a maior barreira que impede a protagonista de se ligar ao jovem Nô. Assim sendo, Aninha, em vez de ser o cordeiro levado para imolação, como sugere o nome, faz de Edna/Eduarda um modelo de “bode expiatório” para toda a comunidade, mostrando que ela, a grande feiticeira, tem poderes para castigar o feminino que não se enquadra no padrão estabelecido: passiva, mulher-mãe, dona de casa, fiel ao marido, imersa no ambiente do lar. Na visão de velha viúva, Edna constitui a quebra total do padrão instituído para o feminino. E como mantenedora de uma ordem de gênero estabelecida, só resta a Aninha castigar a galega transgressora. O poder da velha senhora, com sua ligação com o divino, separa o casal de amantes, levando Nô à loucura e Edna/Eduarda ao desespero. Diante da impossibilidade de se completar com seu amante, resta à protagonista atirar-se ao mar, num nado que simboliza o seu desejo de morrer.

Para se compreender melhor o poder castrador que Aninha tem sobre a protagonista do romance, busquemos entender o modo como a narrativa associa esta velha senhora ao líquido que vem do riacho que margeia a vila de pescadores. Dentro da narrativa de *Riacho Doce*, as águas flumíneas possuem conotações de morte e de extermínio. Para os moradores nativos do lugar o espaço líquido fluvial é visto como sinônimo de destruição. Quando a voz do narrador apropria-se do pensamento da coletividade que habita as cabanas de Riacho Doce, são usadas as seguintes palavras para se referir ao espaço das águas fluviais: “Mau era o rio doce pequeno, aquele fio de água [...] Dele vinham as febres, as dores de lado, a sezão implacável” (REGO, 2003, p. 137). Ao tomar conhecimento da existência desse espaço líquido, Edna/Eduarda vai incorporar o pensamento local, identificando nele “os perigos da água doce” (REGO, 2003, p. 143): “Os rios se corrompiam lá em cima. As águas claras criavam mosquitos, se estragavam. Não queria negócio com banho de rio [...] Nada de morte, de doenças perigosas” (REGO, 2003, p. 166). É desse ambiente inóspito que Edna/Eduarda imagina brotar a figura do mal que a afasta da companhia de Nô – a velha Aninha: “E de dentro das águas doces brotara o germe da morte: o monstro se nutria de carnes virgens, de tenras carnes dos meninos. Uma mulher mandava na vida, uma mulher dominava a vida, o amor, a alegria, as dores dos homens” (REGO, 2003, p. 304). Mais uma vez, a avó de Nô é identificada na narrativa como o lado mágico e mal, responsável por trazer a desgraça à protagonista.

Diante do que foi exposto aqui, percebe-se que *Riacho Doce* mostra que a mulher viúva na sociedade patriarcal toma o lugar do homem no seio da família e, consequentemente, assume o espaço público, desempenhando as funções atribuídas ao masculino sem que haja empecilhos por parte do sistema sociocultural. A mulher assume a posição deixada vaga pelo homem, isto é, a de gerir a casa e a família, e, dessa forma, perpetua o sistema de dominação social, cultural e econômico do patriarcado, apagando, assim, qualquer possibilidade das outras mulheres à sua volta conquistarem posição de autonomia.

O papel desempenhado pelas personagens Elba e Aninha, em *Riacho Doce*, exemplifica o comportamento da mulher viúva em posição de mando incorporando a estereotipia do masculino conforme os valores do patriarcado. Elba e Aninha tiranizam suas noras e exercem sobre os que as cercam um poder despótico. Com relação à protagonista da narrativa, que se mostra, desde criança, um feminino que não se molda ao que se espera dele no sistema patriarcal, estas duas senhoras encarnam a voz do patriarcado castrador.

Em sua busca por um modelo do feminino, Edna/Eduarda não consegue se identificar com essas duas senhoras viúvas, uma vez que elas são as grandes responsáveis por obliterar as vontades da protagonista. Na verdade, elas acabam se tornando a figura do antagonista na narrativa, criando empecilhos para que Edna/Eduarda possa atingir os seus objetivos, sejam eles de ordem simbólica, amorosa ou de empoderamento. É graças a esse antagonismo que Edna/Eduarda se afasta completamente da figura destas duas mulheres, Elba e Aninha, responsabilizando ambas por suas desgraças. No auge do desespero da protagonista, na noite anterior à última entrada dela no mar, num mergulho que simboliza a morte, o narrador, através das reflexões de Edna/Eduarda, funde a velha Elba e a velha Aninha para mostrar que elas prenunciam o fim da personagem principal do romance:

A voz da velha Elba atravessara os mares, rompera os gelos escandinavos, e na doce paz dos trópicos consumira tudo que era grande e belo para a pobre Edna desgraçada. Era a voz da velha Elba que se ligara, se unira à da velha Aninha. Tudo era uma coisa só [...] ‘Pai nosso, que estás no céu’, dizia a velha. E viera de tão longe pegá-la, escravizá-la, como fazia o gelo dos rios, com as árvores parando tudo (REGO, 2003, p. 320).

Por apresentar uma gama diversificada de personagens femininos, *Riacho Doce* delega ao masculino pouco destaque. Mas a narrativa, como mostramos, não retira o poder do patriarcado de sua representação ficcional. Desse modo, para representar forças que se opõem à personagem principal, é criada a figura de um feminino envelhecido, que cumpriu o que o patriarcado entende como destino de mulher (Cf. (BONNICI, 2007) e (BEAUVOIR, 1980)). É este feminino envelhecido que fará valer o “mito de que os papéis de esposa, mãe e dona de casa seja o destino das mulheres na sociedade patriarcal” (BONNICI, 2007, p. 198). Como Edna/Eduarda não se enquadra nele, ela será perseguida e punida por estas duas senhoras: o dragão Elba e a feiticeira Aninha.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.
- GOMES, Heloisa Toller. A presença de Cassandra. In: COUTINHO, E. F. e CASTRO, A. B. de (Seleção de textos). *José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; João Pessoa: FUNESC, 1991, p. 415 – 429. (Coleção Fortuna Crítica, 7).
- HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi. Empoderamento: definições e aplicações. In: *Anais do 3º encontro anual da ANPOCS*. Caxambu, 2006, p. 1 – 29. Disponível em: http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=3405&Itemid=232 Acessado em 10/11/15 às 10:30.

LIMA, Susana Moreira de. *O outono da vida: trajetórias do envelhecimento feminino em narrativas brasileiras contemporâneas*. 2008, 194f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Universidade de Brasília. Brasília, DF.

LOUSADA, Wilson de A.. “Riacho Doce”. In: COUTINHO, E. F. e CASTRO, A. B. de (Seleção de textos). *José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; João Pessoa: FUNESC, 1991, p. 361 – 364. (Coleção Fortuna Crítica, 7).

MESSY, Jack. *A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice*. 2ª ed. Trad. de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: ALEPH, 1999.

MARQUES JR., Milton e MARINHEIRO, Elizabeth. *O ser e o fazer na obra ficcional de Lins do Rego: dicionário dos personagens*. João Pessoa: FUNESC, 1990.

REGO, José Lins do. *Água-mãe*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

_____. *Cangaceiros*. 10 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

_____. *Pedra bonita*. 13 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

_____. *Riacho Doce*. 19 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.